



O percurso Kant-Blumenbach/Hamann-Humboldt e a filosofia da linguagem: som articulado, teleologia e metáforas do organismo

The Trajectory Kant-Blumenbach/Hamann-Humboldt and the Philosophy of Language. The Articulated Sound, Teleology and the Metaphor of the Organism

Taciane Domingues

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

taciane.ferreira@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-5056-3512>

Resumo: Nosso objetivo é embasar a tradução do termo *Bildungstrieb* como “impulso formativo” na obra de Wilhelm von Humboldt *Sobre a Diversidade de Construções Linguísticas e sua influência no desenvolvimento espiritual do gênero humano* (SDCL), de 1836. Seguimos a orientação do filósofo neokantiano Ernst Cassirer e outros para os quais Humboldt mobiliza conceitos essenciais da filosofia de Immanuel Kant; dessarte, pelo cotejo filológico entre a fortuna crítica de I. Kant e Johann Friedrich Blumenbach e a obra de Humboldt, mapeamos o conceito de impulso formativo como aquele que marcou o debate sobre os corpos organizados na investigação da natureza. Para teorizar a formação do som articulado, Humboldt se inspira na discussão entre Kant e Blumenbach, para os quais a autonomia da matéria viva e o estatuto de seu desenvolvimento respondem ao impulso formativo – uma força natural que concilia a mecânica, conforme descrita pelas leis newtonianas, à teleológica, na qual algo é causa e efeito ao mesmo tempo. Como resultado, a teleologia se torna fundamental para Humboldt pensar o som articulado, o que, conseqüentemente, opõe-se à arbitrariedade do signo linguístico. Aproximando ainda mais Humboldt ao debate da natureza de Kant e Blumenbach, em SDCL também há ocorrência de metáforas do organismo, as quais desencadearam, por meio da crítica do filósofo Johann Georg Hamann à Kant, uma das primeiras reflexões sobre o papel da linguagem na filosofia crítica kantiana (projeto aderido por Humboldt). Assim, o percurso Kant-Blumenbach/Hamann-Humboldt explica o estatuto conferido por Humboldt à linguagem como o órgão formativo do pensamento.

Palavras-chave: Wilhelm von Humboldt; Immanuel Kant; Johann Georg Hamann; filosofia da linguagem; impulso formativo; teleologia.

Abstract: This study aims to support the translation of *Bildungstrieb* as “formative drive” in Wilhelm von Humboldt’s *On the diversity of linguistic constructions and its influence in the spiritual development of mankind*, 1836. The taken direction was given by the Neo-Kantian philosopher Ernst Cassirer (among others), for whom Humboldt mobilizes essential concepts from Immanuel Kant’s philosophy; thus, through philological comparison between Kant and Johann Friedrich Blumenbach’s critical fortunes and Humboldt’s work, the concept of “formative drive” was mapped as one that marked the debate on organized bodies in the investigation of nature. To theorize the formation of the articulated sound, Humboldt takes inspiration from Kant and Blumenbach’s debate, for whom the autonomy of living matter and the status of its development answer to the formative drive – a natural force that unites the mechanical one, as described by Newtonian laws, to the teleological one, in which something is cause and effect at the same time. As a result, teleology is fundamental to Humboldt’s reflection on the articulated sound, thus opposed to the arbitrary nature of the linguistic sign. Furthering Humboldt’s proximity to Kant and Blumenbach’s debate on nature, in Humboldt’s work there are metaphors of the organism; metaphors became the focus of the philosopher Johann Georg Hamann critics to Kant in one of the first reflections on language’s role in the Kantian critical project (reflections adhered by Humboldt). Thus, the trajectory Kant-Blumenbach/Hamann-Humboldt explains Humboldt’s usage of a metaphor of organism to assert language’s status as the formative organ of thought.

Keywords: Wilhelm von Humboldt; Immanuel Kant; Johann Georg Hamann; philosophy of language; formative drive; teleology.

Recebido em 18 de março de 2023.

Aceito em 01 de fevereiro de 2024.

1 Introdução

A relevância e o pioneirismo de Wilhelm von Humboldt no desenvolvimento da linguística moderna são internacionalmente reconhecidos¹. Em língua portuguesa, Specht (2017, p. 20-21) levantou

¹Cf. o volume 1 da edição nº 53 da revista *Forum for Modern Language Studies* (2017), número especial que recebeu artigos de teóricos de várias nacionalidades dedicados a demonstrar a relevância do filósofo da linguagem tanto no passado quanto para os temas atuais. Disponível em <https://academic.oup.com/fmls/issue/53/1>.

treze textos traduzidos entre 2001 e 2011, divididos em cinco publicações tanto sobre língua e linguagem, quanto teorizações sobre o Estado. Após um hiato de dez anos, em 2021 é lançado um novo volume com textos de Humboldt sobre filosofia da linguagem² e, entre 2021 e 2025, a autora deste artigo estará ocupada do estudo e tradução da obra *Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts* (1836), intitulada em português *Sobre a Diversidade de Construções Linguísticas e sua influência no desenvolvimento espiritual do gênero humano* (SDCL). Seguindo a direção do filósofo neokantiano da Escola de Marburgo Ernst Cassirer (2001), a chave para acessar a teoria da linguagem de Humboldt é a filosofia transcendental de Immanuel Kant, e compartilho tal chave com a tradutora Ana Agud (Língua Castelhana, 1990) e com Peter Heath (Língua Inglesa, 1999), conforme seus respectivos prefácios.

Para embasar a tradução do termo *Bildungstrieb* em SDCL como “impulso formativo”, fizemos um estudo cujo método de análise foi o cotejo entre passagens de Humboldt que empregam o conceito mencionado e a fortuna crítica que relaciona a filosofia de Kant com o mesmo termo, cunhado pelo naturalista, fisiologista e antropólogo Johann Friedrich Blumenbach³ na tentativa de explicar o desenvolvimento dos corpos organizados. Esse campo de investigação, segundo Richards (2000, p. 12) e Marques (2007, p. 453-454), viria a se chamar biologia apenas no ano de 1800, já na fase madura de Blumenbach e na velhice de Kant; Humboldt morreria 35 anos depois e, no trigésimo sexto, SDCL viria à publicação pela primeira vez. A então denominada “investigação da natureza” (*Naturforschung*) era pensada por Kant e Blumenbach de acordo com a teleologia (Marques, 2007, p. 454-455), “termo criado por [Christian] Wolff para indicar ‘a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas’”, conforme o verbete do *Dicionário de filosofia* (Abbagnano, 1998, p. 943). Segundo nossos resultados, Humboldt, mediado pela apropriação que Kant fez desses conceitos em seu próprio sistema filosófico, mobiliza tanto o impulso formativo quanto a teleologia para pensar a formação do som articulado. Em consonância ao motivo teleológico do impulso de

²Tradução de Hans Theo Harden e Orlene Lúcia de Carvalho.

³Richards (2000, p. 18) traz ao público leitor a citação em que o próprio Blumenbach declara a cunhagem do termo *Bildungstrieb* e seu correspondente latino *Nisus formativus*.

formar conceitos em som articulado, no qual a organização do conceito na forma do som da língua é causa e efeito da própria faculdade de linguagem, Humboldt faz parte do quadro de teóricos que pensavam as línguas originárias (que não teriam sofrido grande influência de línguas estrangeiras) como motivadas pela sensação do objeto ou pelo sentimento⁴, ambos organizados por leis subjetivas da faculdade da linguagem. De Humboldt aos românticos, a junção do som articulado ao conceito a ser representado jamais era pensada de maneira acidental, de modo que se opunha à posterior arbitrariedade do signo linguístico⁵.

Desse modo, neste artigo trabalhei com três pontos de SDCL que se relacionam com a investigação da natureza: os supracitados “impulso formativo” e a “teleologia”, para discorrer sobre a formação do som articulado, e as metáforas do organismo. As últimas ocasionaram a crítica do filósofo Johann Georg Hamann (1992[1781]) ao purismo da razão dentro do sistema de Kant, empreendimento que Hamann realiza na *Metacrítica sobre o purismo da razão*⁶. Esse contexto elucidava que tanto Hamann, pela via da crítica, quanto Humboldt, pela via da adesão, tenham definido o estatuto da linguagem por meio de uma metáfora do organismo; elucidava igualmente a grande semelhança entre as metáforas do organismo de ambos esses pensadores.

Os principais resultados deste trabalho são: a correta acepção do termo “impulso formativo” em SDCL; a ligação, revelada pelo termo, entre a filosofia da linguagem humboldtiana e o debate naturalista do período, sobretudo a teleologia; a consequente oposição que pensar teleologicamente o som articulado acarreta à arbitrariedade do signo linguístico e, por fim, o delineamento do contexto intelectual laico em que Humboldt estava circunscrito na Prússia pós Kant. A laicidade é o provável vetor que dirigiu Humboldt ao debate naturalista do período

⁴Em Humboldt e outros idealistas, a palavra “sentimento” não equivale à emoção, mas a uma direção ou necessidade estética interiores. Equivalente a alguns usos de *feeling* na língua inglesa, sobretudo em atividades estéticas como a musical.

⁵Ernst Cassirer discorre sobre o percurso da filosofia moderna dos séculos XVII e XVIII quanto à motivação da formação do signo linguístico em *Filosofia das Formas Simbólicas* (2001). Neste artigo, o motivo teleológico em Humboldt será destacado em subseção oportuna.

⁶Tanto no caso de Kant quanto de Hamann, cujas obras já possuem edições em português, as citações do artigo foram retiradas das obras traduzidas. Não obstante, as edições no original alemão foram consultadas e encontram-se dentre as referências.

(a exemplo de outro filósofo idealista transcendental, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, seu contemporâneo), levou-o a aderir ao idealismo transcendental de Kant e a conferir à língua o estatuto metafórico de órgão formativo do pensamento.

2 Do objeto

SDCL é amparada por pensadores diversos, em especial etnógrafos dos séculos XVIII e XIX, como Julius Klaproth e William Marsden; missionários como John Crawford, que disponibilizou os materiais malaios estudados por Humboldt (Agud, 1990, p. 16) e o linguista Franz Bopp. Contudo, estudiosos de Humboldt como Ernst Cassirer (2001), o especialista contemporâneo Jürgen Trabant (2017) e aqueles que, além de estudá-lo, também o traduziram, como Ana Agud (língua castelhana, 1990) e Peter Heath (língua inglesa, 1999), citam Immanuel Kant acima de todas as demais influências. Trabant (2017, p. 2) afirma que Humboldt assumiu a tarefa delegada por Leibniz⁷ ao estudo das línguas, tal seja, arranjar as palavras do mundo em dicionários e gramáticas para que se façam inventários da diversidade de operações da mente humana; não obstante:

essa “descoberta da verdade” ou “trabalho do espírito” é descrita por Humboldt em termos kantianos. Sensibilidade e intelecto interagem na formação do pensamento – eles formam um esquema, que no sistema de Kant é uma entidade assaz misteriosa, mas esclarecida por Humboldt todavia: o esquema é pensamento = som vocal. (Trabant, 2017, p. 3)⁸

Para Agud (1990, p. 17), o esforço de Humboldt foi direcionado a revestir o sistema kantiano de elementos linguísticos e, não à toa, quando Trabant (2017, p. 2, grifos meus) define a pergunta principal da pesquisa humboldtiana, expõe *ipso facto* a espinha dorsal do Idealismo Transcendental, corrente filosófica de Kant:

⁷Gottfried Wilhelm Leibniz, polímata e filósofo alemão que influenciou Immanuel Kant.

⁸No original: Humboldt describes this ‘discovery of truth’, this ‘labour of the spirit’, in Kantian terms. Sensibility and intellect interact in the formation of thought, they form a ‘schema’, a rather mysterious entity in Kant’s system, which Humboldt clarifies: the schema is thought as vocal sound.

Sua pergunta é: “por que é filosoficamente necessário pensar as línguas?” O pensamento humboldtiano não tenta determinar as condições de validade da sentença; a resposta mais curta e geral para esta questão é: porque as línguas são a maneira pela qual o ser humano produz pensamento – ou seja, o trabalho do espírito – e porque *queremos saber como a produção de pensamento se dá*⁹.

A finalidade da filosofia transcendental é provar como as condições subjetivas do pensamento, ou seja, as formas que o pensamento tem *a priori* para ordenar e organizar as sensações da matéria (o diverso do fenômeno) em certas relações, podem ter validade objetiva, a saber, podem se referir à própria matéria dada *a posteriori*, e como poderão, desse modo, proporcionar as condições de possibilidade de todo o conhecimento. Para Kant (CRP, A 24 – 35)¹⁰, as exigências lógicas e os critérios do conhecimento são *a priori* à experiência caso a caso porque abstraídos de leis ínsitas na mente, não dos objetos (Marques, 1990, 2007); Kant (CRP, B 34) define matéria e forma:

Àquilo que no fenômeno corresponde à sensação eu denomino a matéria do mesmo, mas àquilo que faz com que o diverso do fenômeno possa ser ordenado em certas relações eu denomino a forma dos fenômenos. Como aquilo que permite ordenar e colocar as sensações sob uma certa forma não pode, por seu turno, ser também uma sensação, a matéria de todos os fenômenos nos é dada então *a posteriori*, mas a forma dos mesmos já tem de estar pronta *a priori* na mente, e, portanto, tem de poder ser considerada separadamente de toda sensação.

Para embasar a tradução de SDCL, parto da formulação desses especialistas, segundo os quais Humboldt assimilou e, portanto, revestiu de elementos linguísticos a filosofia transcendental de Kant ao discutir a

⁹ No original: It asks why it is philosophically necessary to deal with languages; it does not try to determine the conditions of the truth of a sentence. The short and overall answer to that question is: because languages are the ways the human mind produces thought – die Arbeit des Geistes [the work of the spirit] – and because we want to know how this is done.

¹⁰ Referências de Kant citadas de acordo com a edição da Academia (*Akademie-Ausgabe* [“AA”] - *Kants gesammelte Schriften: herausgegeben von der Detuschen Akademie der Wissenschaften*, 29 vols. Berlin, Walter de Gruyter, 1902), na qual KrV = *Kritik der reinen Vernunft* [Crítica da Razão Pura], A = edição de 1781, B = edição de 1787.

linguagem como *energeia*, uma faculdade/capacidade (*Kraft/Vermögen*¹¹) do espírito¹² (*Geist*) de constantemente gerar pensamento por meio da corporificação dos conceitos em som articulado. Em alemão, há apenas um e o mesmo termo (*Sprache*) para dois “momentos necessariamente indissociáveis”, nas palavras de Cassirer (2001, p. 150), do quadro teórico humboldtiano: a linguagem como faculdade/capacidade (*Sprachvermögen*) ordena, segundo leis intrínsecas (*a priori*) de seu próprio sentido interno¹³, o diverso do fenômeno em certas relações formais do som articulado. Como resultado desse processo, a palavra de uma língua emerge como a faceta corporificada (*körperlich*) e sensível – ou seja, dada aos sentidos físicos – da forma interna (*a priori*) da linguagem (*Innere Sprachform*). A palavra de uma língua, quando já corporificada em som articulado, torna-se objetiva perante o sujeito e, portanto, matéria *a posteriori* para a sensação.

Cassirer (2001, p. 150) afirma que a prioridade da forma sobre a matéria, que Humboldt sustenta na esteira de Kant, foi confirmada com a máxima pureza e clareza nas línguas flexivas. Nelas, conceitos que se referem à experiência e, portanto, à matéria das coisas, são expressos não por palavras independentes, mas por mudanças no som (na forma) de uma palavra segundo regras internas da língua. Fazem parte desse grupo as línguas indo-europeias, em geral – inclusive a portuguesa –, cada uma com um grau de flexão particular. No português, as desinências verbais indicam a matéria da pessoa, do número de pessoas e sua mudança no tempo; já no caso genitivo da língua alemã, todo o conceito de posse de um sujeito

¹¹Na tradução brasileira da *Crítica da razão pura*, *Kraft* é tanto “força” quanto “poder” e “faculdade”; *Vermögen*, da mesma maneira, é “faculdade”. Cf.: Kant, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

¹²“Entendem-se por esse nome [faculdades do espírito] os poderes da alma, ou seja, as espécies ou partes em que é possível classificar e dividir suas atividades ou princípios aos quais são atribuídas tais atividades” (Abbagnano, 1998, p. 425).

¹³A maneira como a sensibilidade é afetada por objetos é denominada por Kant de afecção; como é afetada internamente, ou seja, organiza o dado receptivo, é denominada “sentido interno”. Analogamente, Humboldt (1963[1836], p. 507) teoriza o “sentido interno da linguagem” (*Innere Sprachsinn*) como organizador do sentimento estético de unidade da palavra: “o Sânscrito designa, por meio do som, os diversos graus de unidade que o sentido interno da linguagem (*innere Sprachsinn*) sente a necessidade de distinguir.”

sobre o objeto se corporifica no acréscimo formal do som articulado [s] no nome, ou/com a mudança formal do som nos artigos definidos *der* (masculino) > *des*; *das* (neutro) > *des*; *die* (feminino e plural) > *der*. Essa síntese formal do conceito de posse em um som articulado demonstra que, analogamente ao conhecimento kantiano, sintetizado por um elemento *a priori*, ou seja, por uma lei ínsita à capacidade do próprio espírito e não por um dado do objeto, “tampouco a linguagem provém de um objeto como de algo dado a ser simplesmente reproduzido; ao contrário, ela encerra uma maneira de apreender espiritual que constitui um fator decisivo em todas as nossas representações do objetivo” (Cassirer, 2001, p. 144). O fator decisivo nas representações do objetivo se dá pela faceta sensível da língua, que chega ao sujeito como a sensação da matéria som.

3 Das leis universais da linguagem à particularidade do som articulado

O sistema kantiano da imbricação entre intelecto e sensibilidade reslumbra na teoria da linguagem humboldtiana segundo a fórmula linguagem/língua = *conceito + som articulado*. Interessa a Humboldt (1963[1836], p. 383) “o correto estabelecimento da multiplicidade por meio da qual um sem-número de povos resolvem, segundo sua condição humana, as mesmas tarefas de formação da linguagem que lhes são colocadas¹⁴”, pois a faculdade da linguagem é universal no gênero humano. No tópico “Natureza e constituição da linguagem, em geral” (*Natur und Beschaffenheit der Sprache überhaupt*, p. 425-440), o qual parafraseio nesta subseção, Humboldt afirma que a diferença entre as línguas é a forma do som articulado, inclusive em relação aos elementos sintáticos, os quais, naturalmente, passam para a enunciação na fala e articulam o discurso, sobretudo no caso das línguas flexionadas. O som articulado é a corporificação sensível do trabalho intelectual (ou do espírito) de designar conceitos, objetos e relações de pensamento via palavra e sintaxe. Devido à objetividade e conseqüente externalização da língua em som articulado, esta coloca o espírito em estreita relação com o estado histórico ou condição espiritual coletiva (*Geistesanlage*) das nações, sendo a ponte entre a esfera coletiva e histórica e a faculdade

¹⁴No original: [...] die genaue Ergründung der Mannigfaltigkeit, in welcher zahllose Völker dieselbe in sie, als Menschen, gelegte Aufgabe der Sprachbildung lösen [...]

interna (*innere Kraft*) individual. Esta, nas palavras de Humboldt, atua sobre a forma sonora no momento da geração ou mesmo da atualização do conceito¹⁵. Daí a necessidade, segundo o filósofo da linguagem, de que se desenvolva em detalhe uma análise da diversidade de formas sonoras das línguas, com vistas a rastrear ao menos as tendências principais e universais da linguagem. Humboldt segue a direção da filosofia moderna em seu arco de Leibniz a Herder¹⁶: buscar o universal “não como unidade abstrata de um gênero que se opõe aos casos particulares, e sim como uma unidade que somente se manifesta na totalidade das particularizações. Esta totalidade e a lei, a conexão interna que nela se expressa, constituem agora a verdadeira universalidade.” (Cassirer, 2001, p. 139)

A objetividade lança a língua, pensada como um conjunto de formas sonoras sensíveis para designar o trabalho intelectual de síntese do diverso do fenômeno¹⁷, ao âmbito coletivo de um povo e da interação deste com outros ao largo da história (Walker, 2017; Glushkova, Domingues, 2022). A pesquisa de Humboldt investiga qual é o efeito (*Wirkung*) que o retorno da língua ao espírito individual, pelas vias da sensibilidade e agora como matéria, causa sobre este, e em quais níveis

¹⁵Aqui, o conceito é conforme àquele determinado por Kant, que “[...] refere-se em FS [*A Falsa Sutileza das Quatro Figuras Silogísticas*, 1762] à ‘capacidade fundamental’ da mente humana para converter suas próprias representações em objetos dos seus próprios pensamentos (p. 60, p. 104), e deriva conceitos dessa capacidade. Assim, o conceito de um corpo sólido não é derivado da experiência desse corpo nem da sua necessidade racional, mas da representação do filósofo para si próprio do que se sabe de tal corpo e da reflexão sobre essa representação. A reflexão toma ‘o que é sabido imediatamente de uma coisa como seu atributo’ e, se concluir que a coisa é impensável sem o atributo, converte-o no conceito da coisa. No caso de um corpo, o atributo ‘impenetrabilidade’ é primeiro abstraído e depois objeto de reflexão; quando é reconhecido ser indispensável ao pensamento de corpo, pode ser aceito como um conceito (p. 58, p. 102).” (Caygill, 2000, p. 63)

¹⁶Johann Gottfried von Herder. Assim como Hamann, precursor de Humboldt.

¹⁷Conforme verbete do *Dicionário Kant* (Caygill, 2000, p. 294), “[...] Kant define-a como ‘o ato de juntar, umas às outras, diversas representações e conceber o que é múltiplo num só [ato de] conhecimento’ (A 77/B 103). A síntese de um múltiplo, seja este puro (como as formas da intuição) ou empírico, ‘é o que primeiro dá origem ao conhecimento’ (ibid.). O que é crucial é que esse ato de síntese é excessivo; não pode ser derivado do múltiplo, mas é-lhe sempre adicionado. Nos termos de Kant, a síntese é transcendental, ‘não só porque se processa *a priori*, mas também porque condiciona a possibilidade de outros conhecimentos *a priori*’ (CRP B 151).”

afeta o desenvolvimento de suas faculdades, cujos conceitos puros *a priori* são, muito embora nascidos com o indivíduo, estimulados por ocasião da experiência que os requisite.

Da reflexão sobre a linguagem, em geral, e da análise de uma língua, em particular, emergem, para Humboldt, dois princípios claramente distintos um do outro: a forma do som e o uso que se faz dessa forma para a designação de objetos (*Bezeichnung der Gegenstände*) e para a conexão dos pensamentos (*Verknüpfung der Gedanken*). Cassirer (2001, p. 150 e 151) define a criação e o uso da forma do som como uma síntese realizada entre objetividade e subjetividade, porque, segundo afirma Humboldt, a aplicação da forma sonora ao conceito se baseia em exigências da faculdade interna, as quais devem ser satisfeitas para que pensamento e língua se conectem um ao outro. Tais exigências seriam, por isso, a própria origem das leis gerais da linguagem.

O processo de associação entre pensamento e língua por meio das leis gerais da linguagem é igual em toda humanidade enquanto tal, segundo Humboldt (1963[1836], p. 425); em contraposição à universalidade dessas leis gerais, a forma do som seria o verdadeiro princípio constitutivo e condutor da diversidade das línguas, e a interação entre o produto subjetivo das leis da faculdade da linguagem e o objetivo da matéria do som de uma língua revelam a universalidade por vias da particularidade:

na condição de um elemento perene de todo o organismo humano e em íntima relação com o poder interno do espírito, [a forma do som está] igualmente ligada à constituição geral da nação. [...] Desses dois princípios, tomados na interioridade de sua imbricação mútua, emerge a forma individual de cada língua. Esses princípios constituem os pontos que a análise linguística deve investigar para, então, apresentar a concatenação entre eles¹⁸. (Humboldt, 1963[1836], p. 426)

O indispensável da análise linguística, afirma Humboldt (1963[1836], p. 426), é fundamentar a análise da língua com uma

¹⁸No original: (...) *als ein in enger Beziehung auf die innere Geisteskraft stehender Theil des ganzen menschlichen Organismus, ebenfalls genau mit der Gesamtanlage der Nation zusammen (...) Aus diesen beiden Principen nun, zusammengenommen mit der Innigkeit ihrer gegenseitigen Durchdringung, geht die individuelle Form jeder Sprache hervor; und sie machen die Punkte aus, welche die Sprachzergliederung zu erforschen und in ihrem Zusammenhange darzustellen versuchen muss.*

visão correta da linguagem em sua profundidade, em sua origem e na abrangência de seu escopo. Para o autor, isso significa tomar a língua em sua maior extensão, a saber, em sua relação com o discurso (*Rede*)¹⁹ e com o inventário de elementos de suas palavras (*Vorrat ihrer Wortelemente*) a partir da atividade intelectual e da sensibilidade, o que equivale ao percurso de seu nascimento na subjetividade do espírito e seu retorno e contra-influência, agora como produto objetivo, no mesmo. A atividade intelectual (*intellektuelle Thätigkeit*), que é “inteiramente espiritual” (*durchaus geistig*) e, por isso, “completamente interior” (*durchaus innerlich*) e até certo ponto irrastrável (daí o trabalho especulativo da metafísica), exterioriza-se e se torna perceptível aos sentidos por meio do som enunciado no discurso. É por isso que linguagem e enunciação são uma unidade inseparável e o discurso tem por necessidade forjar uma conexão (articular) os sons; caso contrário, o pensamento não alcança inteligibilidade (*Deutlichkeit*) e a representação (*Vorstellung*) não se torna conceito (*Begriff*).

A relação entre o intelecto e a sensibilidade da qual se ocupou Kant é direcionada por Humboldt ao som articulado e, por isso, o filósofo da linguagem se volta aos meios fisiológicos do aparato vocal e do ouvido. Logo, nossa hipótese é que a imbricação da fisiologia humana na realização da linguagem em língua tenha direcionado a atenção de Humboldt à investigação da natureza e ao debate entre Kant e Blumenbach sobre a teleologia, força que organiza, conforme a fins, o desenvolvimento dos corpos, e os explica como causas e fins de si mesmos.

4 União do som à forma interna da linguagem e a teleologia

Na teoria epigenética do desenvolvimento de Blumenbach, o organismo não se desenvolveria pela junção de partes pré-formadas, conforme afirmava a teoria concorrente preformista, mas sim por meio de um processo formativo, impulsionado por uma força diversa da

¹⁹Em alemão, não há distinção lexical entre “fala”, “oração” e “discurso”, sendo os três designados por *Rede* e interpretados a depender do contexto. A tradutora de Ernst Cassirer Marion Fleischer, a exemplo, opta por “oração” quando Cassirer analisa Humboldt em *Filosofia das Formas Simbólicas* (2001); já Jürgen Trabant (2017) opta por “discurso” (*discourse*) em “Vanishing Worldviews”. Aqui, seguimos Trabant; muito embora o entendimento contemporâneo do termo “discurso” seja excessivamente amplo para a filosofia humboldtiana da linguagem, “oração” é excessivamente restrito.

puramente mecânica que rege os corpos inanimados. A teoria epigenética estava dentre as mais respeitadas, largamente aderidas e foi apropriada tanto por Kant quanto por Schelling (Fisher, 2021, p. 391). Na *Crítica da faculdade do juízo*, Kant endossa a teoria epigenética de Blumenbach e “dirige a interpretação que fazemos da suposição de Kant quanto à intencionalidade conforme a fins da natureza”²⁰ (Fisher, 2021, p. 392), de modo que, “ao invés de refletirmos sobre os organismos como se criados diretamente por um Deus, isto é, como artefatos divinos, tendemos a reflexivamente julgá-los como se produzidos de acordo com princípios naturais de intencionalidade [...]”²¹ (Fisher, 2021, p. 392). A mobilização do “impulso formativo” fez com que Kant deslocasse à natureza a matriz da metafísica, antes calcada por um inatismo de densidade teísta que imperou na filosofia até Descartes (Marques, 1990, p. 45). Marques (1990) e Fisher (2021) afirmam ambos a laicização do contexto intelectual prussiano a partir de Kant, sendo que Schelling, filósofo idealista transcendental contemporâneo a Humboldt, intensificou esse processo com vistas a uma metafísica laica: “parcialmente Kant mas plenamente Schelling alijam Deus das explicações biológicas”²² (Fisher, 2021, p. 392). Portanto, o contexto intelectual em que Humboldt pensa a faculdade da linguagem se afilia a um movimento laicizante da filosofia, o qual consequentemente se voltava cada vez mais para a investigação da natureza (a nascente biologia).

São evidências dessa afiliação tanto a ocorrência, em SDCL, do termo “impulso formativo”, *Bildungstrieb*, e do pensamento teleológico quanto à formação do som articulado, quanto a própria biografia de Humboldt. Terra (2019, p. 138) atesta que este fora aluno direto de Blumenbach na Universidade de Göttingen²³; Cord-Friedrich Berghahn,

²⁰No original: *Kant's third Critique endorsement of Blumenbach's epigenetic theory of organic development constrains the interpretation of Kant's supposition of purposiveness in natural ends.*

²¹No original: *Rather than reflecting on organisms as if they were directly created by a God, i.e. as divine artifacts, we are to reflectively judge them as if produced according to natural principles of purposiveness (...)*

²²No original: *God is jettisoned from biological explanations, first partially by Kant, and then more fully by Schelling.*

²³Segue o trecho do artigo de Terra: “Humboldt aproveitou muito os estudos de filologia e história da Grécia antiga, além de seguir os cursos de Blumenbach e os cursos de Lichtenberg sobre a luz, eletricidade e magnetismo.” Não nos causaria surpresa se,

editor do mais recente *Manual Wilhelm von Humboldt: vida, obra e influência* (tradução livre de *Wilhelm von Humboldt Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*, 2022), atesta que Humboldt também se interessou por “questões filosóficas da natureza” (*naturphilosophischen Fragen*) durante sua segunda estadia em Paris, ocorrida entre 1797 e 1801: “a segunda estadia parisiense de Wilhelm von Humboldt incluiu um estudo intensivo e programático de questões estéticas, filosóficas da natureza e da relação entre a antiguidade e a modernidade” (Berghahn, 2022, p. 11)²⁴; já Paolo Pecere, em sua reconsideração sobre o “kantismo fisiológico” (*Physiological Kantianism*) – movimento de fisiólogos da segunda metade do século XIX que buscaram aplicar a filosofia de Kant à investigação da organização da mente – menciona a ligação do irmão de Wilhelm, Alexander von Humboldt, ao programa de Hermann von Helmholtz, dedicado a “desenvolver uma consideração ‘naturalista’ do apriorismo de Kant”²⁵ (Pecere, 2021, p. 699):

Em sua obra de 1797 “Experimentos em músculos e nervos estimulados”, a qual incluiu “conjecturas sobre os processos químicos da vida”, [Alexander von] Humboldt sofreu influência do ensaio de Kant sobre [Samuel] Soemmering. Na referida obra, [Alexander von] Humboldt faz considerações sobre a explicação causal da representação por meio de processos cerebrais, descritas “como muito sutilmente expressas por Kant como a fórmula $\sqrt{-x}$ [...] “Não nos atrevemos qualquer afirmação sobre o objeto transcendental – sobre algo (a alma) cujo fenômeno em nós é o pensamento”; podemos apenas supor que “algo material e simultaneamente existente corresponde aos processos sensoriais”.²⁶

em SDCL, encontrássemos também menção ou terminologia relativa às abordagens da Física sobre a matéria.

²⁴No original: Wilhelm von Humboldts zweiter Pariser Aufenthalt beinhaltet eine intensive und programmatische Auseinandersetzung mit ästhetischen und naturphilosophischen Fragen und mit dem Verhältnis von Antike und Moderne.

²⁵No original: [...] representatives of “physiological Kantianism”, notably Hermann von Helmholtz and Friedrich Albert Lange, developed a “naturalistic” account of Kant’s a priori.

²⁶No original: Humboldt had been influenced by Kant’s essay on Soemmering in his 1797 *Versuche über die gereizte Muskel- und Nervenfasern*, which included “conjectures on the chemical process of life”. In this work Humboldt regards the causal explanation

No período dos irmãos Humboldt, parte da especulação filosófica – nomeadamente a metafísica de Kant – avançava a passos largos rumo ao campo das (futuras) ciências biológicas. A ocorrência exata do termo *Bildungstrieb* (ou seu correspondente latino *nisus formativus*, “impulso formativo”) se deu em três obras de Kant publicadas em vida, conforme o mapeamento de Marques (2007, p. 454): *Sobre o uso dos princípios teleológicos em filosofia* (1788), *Crítica da faculdade do juízo* (1790) e em uma carta de 5 de agosto de 1790 a Blumenbach. A metodologia do julgamento teleológico está presente no apêndice da *Crítica da faculdade do juízo* (Richards, 2000, p. 11), motivo pelo qual Agud (1990, p. 17-18)²⁷ relaciona a capacidade humboldtiana da linguagem a essa obra de Kant. De fato, a aplicação da teleologia ressona sobremaneira em Humboldt; basta compararmos a problemática presente na primeira introdução da *Crítica da faculdade do juízo*, destacada por Fisher (2021, p. 394): “‘a matéria poderia ter se formado por milhares de modos diversos’ sem chegar àquela estrutura em particular. Portanto, o problema não se apresenta como a indeterminação mas, ao contrário, como determinação ou estrutura excessivas (...)”²⁸, à resiliência, ocasionada pela aparente irresolução, que Humboldt (1963[1836], p. 388) expressa quanto às

of representation by means of brain processes as “very subtly expressed by Kant as the $\sqrt{-x}$ [...] “We do not dare any statement about a transcendental object, about something (the soul), whose phenomenon in us is thought”; we can just suppose that “something material and simultaneously extant corresponds to sensory processes”.

²⁷Trecho em questão: “(...) ha de tratarse de una facultad inherente a la especie humana como tal; siendo además la capacidad que en realidad hace hombre al hombre, esto es, la propriamente definitoria de la especie, y considerando que lo humano se identifica como tal no sólo negativamente, sino em virtud de una serie de cualidades positivas que han de hallarse em todo individuo humano, parece obligado suponer que esa capacidad de lenguaje debe ser fundamentalmente la misma em todo ser humano. No se oculta la analogía entre esta exploración de la capacidad de language y la kantiana de la “capacidad de juicio”; también em Humboldt aparecen em relación con esto los dos términos kantianos de Vermögen (“capacidad”) y Kraft (“fuerza”).

²⁸No original: [...] the matter “could have formed itself in a thousand different ways” without hitting on that particular structure. Thus what presents the problem is not indeterminacy but rather too much determinacy or structure [...]

formas da natureza: “não nos cabe questionar por que não há outras ou mais formas. Simplesmente, são estas as que há, seria a única resposta.”²⁹

Na obra de que me ocupo, a *Crítica da razão pura*, ainda que sem a ocorrência terminológica do “impulso formativo”, também estão presentes leis teleológicas, que pertencem à razão e conectam o conhecimento fragmentário e pontual do entendimento a nexos finais e universalizantes. Diz Kant (CRP, B 715, grifos do autor):

A unidade formal suprema, que se baseia apenas em conceitos da razão, é a unidade das coisas *conforme a fins*, e o interesse *especulativo* da razão torna necessário considerar toda ordenação no mundo como se brotasse da intenção de uma razão suprema. Com efeito, tal princípio abre, para a nossa razão aplicada ao campo das experiências, perspectivas inteiramente novas para conectar as coisas do mundo segundo leis teleológicas e, assim, chegar à maior unidade sistemática das mesmas.

A seguir, ligado à teleologia, surge em Kant (CRP, B 716) o motivo do organismo para fins de analogia com a ideia da causalidade conforme a fins, ou seja, a ideia de uma causa suprema do mundo:

Por isso também a fisiologia (dos médicos), por meio de um princípio introduzido apenas pela razão pura, estende tão longe o seu limitado conhecimento dos fins da estrutura de um corpo orgânico, que se é levado ao atrevimento de supor, com toda concordância dos entendidos, que tudo nos animais teria sua utilidade e um bom propósito; uma pressuposição que, se fosse constitutiva, iria muito além do que nos autorizam nossas observações até aqui; donde se pode ver, assim, que ela não passa de um princípio regulativo da razão para chegar à unidade sistemática suprema através da ideia da causalidade conforme a fins da causa suprema do mundo, e como se esta fosse, como inteligência suprema, a causa de tudo em conformidade com o mais sábio propósito.

Em suma, “Kant admite que a razão deseja uma tal unidade (...) devemos pensar a natureza como se ela pudesse ser conhecida (...) por meio da subordinação de explicações mecanicistas a propósitos

²⁹No original: Man kann nicht fragen, warum es nicht mehr oder andre Formen giebt? es sind nun einmal nicht andre vorhanden, - würde die einzige naturgemässe Antwort seyn.

[teleologia], satisfazendo a demanda da razão por unidade (...)”³⁰ (Fisher, 2021, p. 402). No caso de Humboldt, a teleologia sugere que a formação do som articulado, na condição de faceta sensível da linguagem, possui uma organização pressuposta por faculdades internas para atingir um nexos final, o da maior perfeição linguística possível. O autor pressupõe uma completude ou perfeição (*Vollendung*), rumo à qual a natureza orienta todas suas criações, para a produção de “um certo número de formas nas quais se manifesta aquilo que cada gênero alcançou trazer à realidade e lhes basta para o acabamento pleno de suas ideias”³¹ (Humboldt, 1963[1836], p. 388). Vê-se, em primeiro lugar, que Humboldt ceifa Deus da explicação fisiológica da formação do som e assim o fará também com a explicação metafísica. A ideia de um direcionamento conforme a fins se reflete na língua quando “nela contemplamos a *aspiração* de dar à ideia de uma linguagem perfeita uma existência na realidade”³² (Humboldt, 1963[1836], p. 391, grifos meus). O som seria “guiado [*hingeleitet*] à eufonia e ao ritmo” por uma disposição interna, que organiza o som e o afasta do “mero soar” conforme o fim supremo de dar forma à linguagem por via dos elementos linguísticos sonoros, particulares a cada língua, e com a intenção de que esta se aproxime o mais possível da ideia pura daquela “precisamente pelos movimentos da alma, preparatórios da língua em sua geração”³³ (Humboldt, 1963[1836], p. 473, grifos meus).

A partir dessa exposição, depura-se que a fisiologia humana não produz arbitrária ou acidentalmente o som. Antes, o espírito é investido – pela natureza, não por um demiurgo – de formas que organizam a sensibilidade e o sentimento e cuja finalidade é atingir a perfeição de uma linguagem ideal. Humboldt assume a ideia kantiana do organismo como uma inteligência suprema: como intenção, causa e fundamento. Por viver em época anterior ao estabelecimento da biologia como ciência, Kant pensou o

³⁰No original: Kant admits that reason desires such unity [...] we must think of nature as if it could be cognized [...] by subordinating machanic explanations to purposes, and satisfying reason’s demand for unity [...]

³¹No original: In allen ihren Schöpfungen bringt sie [die Natur] eine gewisse Zahl von Formen hervor, in welchen sich das ausspricht, was von jeder Gattung zur Wirklichkeit gediehen ist und zur Vollendung ihrer Idee genügt.

³²No original: Anders ausgedrückt, erblickt man darin das Streben, der Idee der Sprachvollendung Daseyn in der Wirklichkeit zu gewinnen.

³³No original: Er wird dagegen gerade durch die inneren, die Sprache in ihrer Erzeugung vorbereitenden Seelenregungen zu Euphonie und Rhythmus hingeleitet werden [...]

organismo como essa inteligência e alocou o atributo de sua inteligência no uso regulativo da razão. O uso regulativo se transfere ao desenvolvimento dos corpos organizados para resolver a questão da coerência das formas ultra especializadas da natureza por meio do “teleomecanismo” (Richards, 2000, p. 12), adaptado por Kant de Blumenbach a partir do impulso formativo.

As ideias de Kant no âmbito da investigação da natureza formaram uma ampla escola no século XIX. Esse contexto histórico reforça que, sob os fundamentos da teleologia, Humboldt tenha pensado o organismo como inteligência suprema porque dotado de um impulso formativo que organiza seu próprio desenvolvimento. Como causa e efeito de si mesmo, o organismo cresce e se reproduz. Por sua natureza autônoma e capaz de se auto-organizar, o próprio organismo, investido pela natureza, é a origem do processo sintético e teleologicamente articulado do espírito que une conceito e som, com o fim da linguagem de trazer clareza à representação para elevá-la a conceito:

A união mais justa entre ambas as partes principais que constituem a língua [o som articulado e o uso feito dele para as designações e conexões do pensamento estético, como a literatura e a poesia] se manifesta sobretudo na vida sensível e imaginativa que emerge por meio dela. Em contrapartida, quando a língua se expande e se refina intelectualmente em uma época em que o impulso formativo dos sons não possui mais a força necessária, ou onde já desde o princípio as faculdades atuaram de maneira parca, são resultados inevitáveis o domínio unilateral do entendimento, a aridez e o prosaísmo. Em particular, observamos o predomínio do entendimento em línguas nas quais certos tempos verbais são formados somente por verbos auxiliares separados, como no árabe; logo, a ideia de tais formas não mais foi acompanhada de maneira efetiva pelo impulso de formar sons. O Sânscrito, em algumas formas temporais, juntou efetivamente em uma mesma palavra o verbo *ser* ao conceito verbal³⁴. (Humboldt, 1863[1963], p. 474)

³⁴No original: Die feste Verbindung der beiden constitutiven Haupttheile der Sprache äussert sich vorzüglich in dem sinnlichen und phantasiereichen Leben, das ihr dadurch aufblüht, da hingegen einseitige Verstandesherrschaft, Trockenheit und Nüchternheit die unfehlbaren Folgen sind, wenn sich die Sprache in einer Epoche intellectueller erweitert und verfeinert, wo der Bildungstrieb der Laute nicht mehr die erforderliche Stärke besitzt oder wo gleich anfangs die Kräfte einseitig gewirkt haben. Im Einzelnen sieht man dies an den Sprachen, in denen einige Tempora, wie im Arabischen nur durch getrennte Hilfsverba gebildet werden, wo also die Idee solcher Formen nicht mehr wirksam von dem Triebe der Lautformung begleitet gewesen ist. Das Sanskrit hat in

A fisiologia humana, na concepção de Humboldt, é em si orientada pelo impulso de formar o som articulado conforme a finalidade espiritual de efetivar em língua uma linguagem ideal. O organismo é um motivo que se repete na concepção romântica da “construção orgânica” (*Organisches Bau*, termo recorrente em SDCL) da linguagem; Cassirer (2001, p. 137) atribui a autoria do termo a um autor mencionado por Humboldt (1963[1836], p. 515, em nota de rodapé), Friedrich Schlegel:

o problema do organismo constituiu o centro espiritual com o qual o Romantismo, a partir de questões as mais diversas, sempre se confrontou. A teoria das metamorfoses de Goethe, a filosofia crítica de Kant, bem como os primeiros esboços da filosofia da natureza e do “sistema do idealismo transcendental” de Schelling, parecem, todos, convergir para este único ponto.

Por ora, deixaremos mencionada a discussão do organismo na vertente romântica sem maiores aprofundamentos; a ligação de Humboldt aos românticos merece, em si, um estudo particular. No momento, interessa-nos a ligação do motivo orgânico ao “impulso formativo” de Kant e Blumenbach.

5 O percurso Kant-Blumenbach/Hamann-Humboldt: metáforas do organismo e o início da filosofia da linguagem com base em Kant

A discussão teleológica entre Kant e Blumenbach sobre a formação dos corpos organizados³⁵ nos ressalta o emprego, por Kant, de metáforas do organismo para fins de analogia, ou seja, “para se interpretar a si próprio” (Santos, 1994, p. 57). Argumentarei que Humboldt (1963[1836], p. 426) determina o estatuto da linguagem e sua corporificação em língua motivadamente, isto é, expressa tal estatuto por meio de uma metáfora do organismo, “a língua é o órgão formativo do pensamento”³⁶, ao tomar por referência o debate entre Kant e Blumenbach. A metáfora do organismo, além de correlacionar Humboldt à filosofia

einigen Zeitformen das Verbum seyn wirklich mit dem Verbalbegriff in Worteinheit verbunden.

³⁵Amparo-me em Richards (2000) para categorizar a troca intelectual entre o filósofo e o fisiologista como relativa ao campo teleológico.

³⁶No original: Die Sprache ist das bildende Organ des Gedanken.

de Kant, revela-nos ainda mais um elo na cadeia de sucessões: entre a filosofia humboldtiana da linguagem e Kant há o prógono Johann Georg Hamann. Atesta-nos Santos (1994, p. 56) a originalidade de Hamann ao ver o sistema kantiano pela perspectiva da linguagem:

Um dos primeiros e mais lúcidos leitores da *Crítica da Razão Pura* – Johann Georg Hamann –, primeiro, na recensão que fez da obra e, depois, na sua *Metacrítica do purismo da razão*, não só contesta a pretensa pureza da razão, invocada por Kant, como explora algumas das metáforas utilizadas pelo filósofo crítico, investindo-as contra a sua própria filosofia. Mas para além desse aproveitamento retórico do texto kantiano contra ele próprio, Hamann conduz a sua crítica da filosofia kantiana ao problema fundamental a partir do qual tem sentido ou não falar de “pureza da razão”: ao problema da relação entre o entendimento e a sensibilidade, rejeitando a estrita separação que Kant estabelecera entre essas duas fontes do conhecimento humano. A originalidade de Hamann reside em ver esse problema desde a perspectiva da linguagem. [...] A linguagem é já um sedimento de conceitos e de imagens, um condensado de experiência, de história e de tradição, de que o pensamento não pode abstrair.

Hamann, segundo é inferível do trecho acima, inaugurou a filosofia da linguagem pensada com base em Kant pela via da crítica. Hamann nega o elemento puro, ou seja, aquele que não possui qualquer relação com o mundo sensível ou com a experiência, conforme nos define Kant (CRP, B 34 – B 35): “eu denomino puras (em sentido transcendental) todas as representações em que não se encontra nada que pertença à sensação”. Kant (CRP, B 74) defende a existência de um elemento puro e formador do conceito:

Nosso conhecimento surge de duas fontes fundamentais da mente, a primeira das quais é a de receber representações (a receptividade das impressões), e a segunda, a faculdade de conhecer um objeto por meio dessas representações (espontaneidade dos conceitos); (...) os dois [intuição e conceitos] podem ser puros ou empíricos. São empíricos quando uma sensação (que pressupõe a presença real do objeto) está neles contida; são puros, pelo contrário, quando nenhuma sensação se mistura à representação.

Hamann (1992[1781], p. 143) discute a impossibilidade da pureza dos conceitos ante à presença da linguagem: “receptividade da linguagem

e espontaneidade dos conceitos! - Desta dupla fonte da ambiguidade cria a razão pura todos os elementos da sua teimosia, da sua mania de duvidar e da sua pretensão crítica (...); o tom crítico da dependência que a razão “pura” teria da linguagem advém de que, para Hamann, a linguagem traz conceitos exclusivamente da experiência. Em suas palavras, a linguagem não possui “qualquer outro título de crédito que o da tradição oral e dos usos e costumes” (Hamann, 1992[1781], p. 142). Para atacar Kant no seio da ambiguidade que, segundo este, a linguagem gera e a razão pura esclarece³⁷, Hamann (1992[1781], p. 143) remete-nos ao próprio exercício errôneo da metafísica como uma disciplina daquilo que transcende a física: a ambiguidade do termo fora gerada pela “síntese acidental de uma preposição grega [meta]”. Em nota de rodapé, a tradutora Maria Filomena Molder (1992, p. 150) esclarece que:

o nome de “Metafísica” deriva da conjugação de meta (depois de, atrás de) e “ta physika (as coisas físicas, a física), assentando, assim, numa intuição sensível-espacial. Segundo Hamann, o pensamento não pode dar-se em nenhum lado sem uma tal sensibilidade originária dos conceitos, neste caso resultante da ocasional classificação de um compilador dos textos aristotélicos.

Ao equívoco – originário de toda uma disciplina – do primeiro compilador dos textos aristotélicos juntaram-se escritores latinos que confundiram o prefixo “meta” grego com o “trans” latino e atribuíram à “metafísica” o sentido de algo que transcende a física, conforme o tradutor inglês da *Metacrítica sobre o purismo da razão* Kenneth Haynes (2007, p. 209). No entanto, Humboldt, por outro lado, parte do elemento puro (referido em SDCL como a “parte puramente intelectual”, *reiner intellektuelle Theil*) e da síntese deste com o diverso da intuição para pensar a formação da língua, sobretudo o som articulado (Cassirer, 2001, p. 151). Humboldt dá seguimento à filosofia da linguagem com base em Kant, iniciada por Hamann, por meio de um largo estudo sobre as formas sintáticas (as quais também são sonoras) de diversas línguas e teorizar sua formação como a síntese do diverso, operada pelo elemento

³⁷Na tradução inglesa da *Metacrítica sobre o purismo da razão*, o tradutor aponta em nota de rodapé a passagem dos *Prolegômenos* de Kant, publicados em 1783 (dois anos após a edição A da *Crítica da razão pura*), onde Kant afirma que os erros filosóficos são ocasionados pela ambiguidade da expressão.

transcendental puro da faculdade da linguagem. Santos (1994, p. 57, grifos meus), ao defender a postura de Kant ante à crítica de Hamann, aponta no primeiro aquilo que viria a ser a convicção teórica de Humboldt quanto à operação da faculdade ou capacidade universal de linguagem, ou seja, como esta, a nível transcendental ou puro, é capaz de organizar as relações entre o diverso do fenômeno em som articulado e, assim, produzir a língua como objeto sensível, empírico e, portanto, histórico:

Deste modo, Kant não só estaria consciente de que a razão tem necessariamente de tornar-se sensível e recorrer às intuições e às imagens, como ele próprio usa, com plena consciência, imagens e metáforas inclusivamente para se interpretar a si próprio. Mas, para além disso, e embora não tenha ele mesmo chamado o tema da linguagem ao centro das suas preocupações filosóficas, talvez esteja apto como poucos não propriamente para nos proporcionar uma teoria empírica ou histórica do fenômeno da linguagem, mas sim para *nos encaminhar àquele plano de onde a linguagem recebe a sua legitimação transcendental*.

A ambiguidade – para continuarmos na seara da crítica hamanniana à Kant – do termo *Sprache* em Humboldt, ora como a capacidade universal de linguagem, em geral, e ora como o sistema de sons articulados de uma língua, em particular³⁸, faz com que muitos pontos da filosofia da linguagem humboldtiana dialoguem tanto com Kant quanto com sua antítese, Hamann. Nas instâncias da produção linguística, Humboldt teoriza a língua como a corporificação sensível da faculdade ou capacidade de linguagem e é devido à corporificação sensível da língua em som articulado e sua conseqüente intercambialidade no mundo sensível e objetivo que ela se aproxima dos conceitos históricos e coletivos aludidos por Hamann. Humboldt denomina tais conceitos

³⁸Mantenho o termo “ambiguidade” entre aspas pois, como mencionado, em alemão não há dois conceitos separados para “linguagem” e “língua”. Essa necessidade é imputada pelas línguas romances, as quais possuem essa distinção. A esse respeito, endosso a nota de rodapé de Agud (1990, p. 24): “*El lector deberá tener presente a lo largo de su lectura que el alemán carece de una distinción equivalente a la nuestra entre ‘lenguaje’ y ‘lengua’, y se sirve para ambos conceptos del término único ‘Sprache’; la diferencia que se hallará a lo largo de esse texto entre ‘lenguaje’ y ‘lengua’ está siempre basada en la interpretación que la traductora hace del sentido de ‘Sprache’ según el contexto.*”

como “visões de mundo” (*Weltansichten*) dos povos, cujo processo, fragmentariamente teorizado em SDCL, está sumarizado a seguir:

As simbolizações produzidas pela consciência estão encarnadas na língua, de acordo com Humboldt, e a interação discursiva faz com que esse processo individual de simbolização linguística da experiência (*energeia*) seja ratificado pelo entendimento do outro. Por isso, segundo o teórico alemão, a língua uniformiza a diversidade de experiências sensoriais e de representações individuais internas sob conceitos intercambiáveis (palavras). Conseqüentemente, um povo unificado sob uma mesma língua possui um “ponto de vista” que lhe é particular, enquanto coletivo, e que alinha a simbolização individual da experiência à desse coletivo. (Glushkova; Domingues, 2022)

Hamann é precursor de Humboldt não quanto à adesão ao quadro teórico transcendental, mas por ser o primeiro a pensar a linguagem no sistema de Kant. Como fio condutor entre todos esses pensadores estão as metáforas do organismo. Hamann (1992[1781], p. 142) sintetiza sua concepção da linguagem como “o único, primeiro e último *organon* [órgão] e critério da razão (...)”; Humboldt, em evidente paralelo, como “o órgão formativo do pensamento”.

Além desse paralelo e da precedência cronológica de Hamann quanto à inauguração de uma filosofia da linguagem com base em Kant, outra aproximação entre o primeiro e Humboldt está no entendimento humboldtiano da língua intercambiável que, por isso, representa conceitos coletivos ou visões de mundo, já que, de representação sob leis subjetivas, a linguagem assume uma faceta empírica ao se corporificar no som articulado da língua; compare-se à linguagem hamaniana como um sedimento de conceitos e de imagens, um condensado de experiência, de história e de tradição.

O percurso Kant-Blumenbach/Hamann-Humboldt explica, desse modo, que o estatuto conferido pelo último à linguagem se dê por uma metáfora do organismo, tal seja, como o órgão formativo do pensamento.

6 Considerações finais

Referências à investigação da natureza se fazem presentes em SDCL não apenas pelo emprego do termo “impulso formativo” e sua circundante teleologia, como também pelo emprego de metáforas do

organismo, as quais estão presentes em Kant desde a *Crítica da razão pura*. O emprego de metáforas ocasionaram, por sua vez, o fundamento das críticas do filósofo Johann Georg Hamann à Kant, sendo Hamann o primeiro a pensar o papel da linguagem na formação de conceitos e, assim, fundar uma filosofia da linguagem com base em Kant. Não por acaso, nota-se um paralelo claro entre a concepção de linguagem de Hamann e a de Humboldt, ambas expressas por meio de metáforas do organismo bastante similares. Afirmamos que a laicização gradativa do período justifica a adesão humboldtiana ao impulso formativo e à teleologia, a exemplo de Kant e do filósofo idealista transcendental Schelling, para explicar o som articulado sem recorrer a um demiurgo, e esclarece o estatuto conferido por Humboldt à língua por meio de uma metáfora do organismo.

Kant encaminhou a discussão sobre a linguagem ao plano no qual esta recebe, como as demais faculdades humanas, legitimação transcendental. Para Humboldt, a corporificação da língua em som articulado provém da faculdade espiritual da linguagem, a qual engendra modos de representação *a priori*. O sistema kantiano da imbricação entre intelecto e sensibilidade reslumbra na teoria da linguagem humboldtiana pela fórmula linguagem/língua = *conceito* + *som articulado*. Uma vez que, para Kant, os conceitos são *a priori* e, por isso, puros e universais, a diferença entre as línguas equivale, segundo Humboldt, à forma do som articulado, que designa conceitos, relações entre conceitos e as próprias relações de pensamento. Devido à objetividade e conseqüente externalização da língua em som articulado, esta coloca o espírito em estreita relação com o estado histórico ou condição espiritual coletiva das nações e é, por isso, a ponte entre o coletivo, o histórico e a faculdade interna e individual, que atua sobre a forma do som no momento da geração ou da atualização do conceito. Portanto, o som seria o elemento a mostrar da maneira mais clara como a faculdade interna universal da linguagem enforma a língua individual, e o estudo da soma dos casos particulares leva o linguista a compreender quais são as leis universais da linguagem.

Segundo a *Crítica da razão pura*, as categorias ou conceitos são apriorísticos à experiência porque extraídos de leis ínsitas na mente, não de objetos, mas ficam todavia latentes quando não suscitados pela experiência. Para Humboldt, a forma do som articulado de uma língua, objetiva e externa, retorna ao espírito como experiência sensível, coletiva e histórica; por isso, deve suscitar no espírito o despertar de outros conceitos, em um ato de contra-influência na constante produção e

atualização de representações. A experiência sensível do som articulado excede o indivíduo e, ao tomar a forma do coletivo, os conceitos da língua se tornam visões de mundo, as quais, por sua vez, remetem à concepção hamaniana da linguagem como um sedimento de conceitos, imagens, condensado de experiência, história e tradição.

Humboldt propõe que o conceito e as relações entre conceitos, ou seja, as relações de pensamento, tornam-se representáveis quando corporificados em som articulado, o que implica elevar o estatuto da linguagem ao próprio pensamento. Dessarte, o filósofo da linguagem metaforiza a linguagem como o órgão formativo do pensamento. A relação entre o intelecto e a sensibilidade de que se ocupou Kant é direcionada ao som linguístico e aos meios fisiológicos do aparato vocal e do ouvido, o que parece ter direcionado a atenção de Humboldt à investigação da natureza e, conseqüentemente, ao debate entre Kant e Blumenbach. O cunho teleológico do debate entre os últimos forneceu ao primeiro uma ferramenta teórica para pensar a formação do som linguístico, a qual se dá, por isso, segundo o impulso formativo que direciona o organismo a um nexos final do espírito, a saber, a produção de sons que se visam efetivar em língua uma linguagem ideal.

Na *Crítica da Razão Pura*, o princípio teleológico se manifesta na abrangência das ideias hipotéticas da razão, as quais excedem o conhecimento pontual e fragmentário depurado por ocasião da experiência com a finalidade de expandir a série causal do conhecimento humano. Ligado à teleologia surge, então, a metáfora do organismo para fins de analogia com a ideia da causalidade conforme a fins, ou seja, da ideia de uma causa suprema do mundo. No caso de Humboldt, a teleologia está na pressuposição de que a formação do som articulado parte do impulso formativo, que direciona a auto organização do organismo conforme o nexos final da maior perfeição linguística possível. Em outras palavras, para o filósofo da linguagem o espírito não produz arbitrária ou acidentalmente o som, pois a natureza lhe investiu de formas que bastam a cada gênero para o acabamento pleno de suas ideias e da capacidade espiritual de produzi-las.

Humboldt pensa o organismo como uma inteligência suprema: como intenção, causa e fundamento e, por isso, a teleologia é uma chave de leitura para o estatuto conferido à linguagem como o órgão formativo do pensamento. Tal associação entre linguagem e pensamento via metáfora do organismo é encontrada também em seu antecessor Hamann e nos aponta a existência de um circuito de filósofos da linguagem que

estavam respondendo a Kant. A laicização da filosofia a partir de Kant é o provável vetor que dirigiu Humboldt ao debate naturalista desse período, a exemplo do também filósofo idealista transcendental Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, contemporâneo deste, e o levou a aderir ao idealismo transcendental de Kant. Com este trabalho, avançamos um passo no mapeamento tanto da influência de Kant na filosofia humboldtiana da linguagem, quanto da convergência entre Humboldt e Hamann relativamente ao estatuto conferido à linguagem como o órgão formativo do pensamento.

Agradecimentos

À FAPESP, pelo fomento concedido (processo no país nº 2021/01490-8 e BEPE nº 2022/02548-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e CAPES); à Prof^{ta} Dr^a Sheila Vieira de Camargo Grillo (USP) e aos Profs. Drs. Marcus Vinícius Mazzari (USP) e Denis Thouard (Centro Marc Bloch, Universidade Humboldt de Berlim) pela orientação, coorientação e tutoramento no exterior, respectivamente; aos interlocutores do Grupo de Pesquisa Diálogo e do Grupo de Estudos em Filosofia Alemã da USP, sobretudo ao filósofo Felipe Cardoso Silva, sempre presente e atencioso.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGUD, A. Prólogo. In: HUMBOLDT, W. v. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Trad. Ana Agud. Madrid: Editorial Anthropos, 1990.
- BERGHahn, C. (org.). *Wilhelm von Humboldt Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Berlin: J. B. Metzler, 2022.
- CASSIRER, E. *Filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FISHER, N. Kant and Schelling on Blumenbach's formative drive, *Intellectual History Review*, v. 31, n. 3, p. 391-409, 2021. DOI: 10.1080/17496977.2021.1955473.

GLUSHKOVA, M; DOMINGUES, T. Wilhelm von Humboldt: paralelos com o Círculo de Bakhtin e contribuição para a questão da diversidade linguística, *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 66., p. 1-21, 2022. DOI: 10.1590/1981-5794-e14950

HAMANN, J. G. Metakritik über den Purismus der Vernunft. In: HAMANN, J. G. *Sämtliche Werke. Historisch-kritische Ausgabe von Josef Nadler*. Wien: Verlag Herder, 1951. p. 276-289.

HAMANN, J. G. Metacrítica sobre o purismo da razão. Trad. Maria Filomena Molder. In: GIL, F.(coord.). *Recepção da crítica da razão pura: Antologia de escritos sobre Kant (1786–1844)*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1992. p. 140-153.

HAMANN, J. G. Metacritique on the purism of reason. Trad. Kenneth Haynes. In: HAYNNES, K. (ed.). *Writings on Philosophy and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 205-218.

HEATH, P. Introduction. In: HUMBOLDT, W. v. *On language: on the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species*. Trad. Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

HUMBOLDT, W. von. *Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.

KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1998.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Fernando Costa Matos. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015. 4ª edição.

MARQUES, U. R. de A. Kant e o problema da origem das representações elementares: apontamentos. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 13., p. 41-72, 1990. DOI: 10.1590/S0101-31731990000100004

MARQUES, U. R. de A. Kant e a epigênese a propósito do “inato”. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 453-470, 2007. DOI: 10.36311/2017.978-85-7983-928-3

PECERE, P. “Physiological Kantianism” and the “organization of the mind”: a reconsideration. *Intellectual History Review*, Londres, v. 31, n. 4, p. 693-714, 2021. DOI: 10.1080/17496977.2020.1784596

RICHARDS, R. J. Kant and Blumenbach on the Bildungstrieb: a historical misunderstanding, *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, , vol. 31, n. 1, p. 11-32, 2000. DOI: 10.1016/S1369-8486(99)00042-4

SANTOS, L. R. dos. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Maia: Gráfica Maiadouro S. A., 1994.

SPECHT, P. *Desafios ao traduzir filosofia Beziehungsweise Wilhelm von Humboldt ao Português*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Área de concentração: Estudos da Tradução. 2017.

TERRA, R. R. Humboldt e a formação do modelo de universidade e pesquisa alemã, *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, São Paulo, v.24, n.1, p. 133-150, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v24i1p133-150

TRABANT, J. Vanishing Worldviews. *Forum for Modern Language Studies*, Saint Andrews, v. 53, n. 1, p. 21-34, 2017. DOI: 10.1093/fmls/cqw081

WALKER, J. Wilhelm von Humboldt and Dialogical Thinking. *Forum for Modern Language Studies*, Saint Andrews, v. 53, n 1, p. 1-12, 2017. DOI: 10.1093/fmls/cqw079